

Levantamento da Fundação Getúlio Vargas mostra que jovem das capitais vai mais à escola e famílias são mais abastadas

# Estudo e dinheiro na cidade grande

LEONARDO AUGUSTO

A população jovem das capitais brasileiras frequenta mais a escola e as famílias que vivem nesses grandes centros estão com mais dinheiro no bolso, conforme aponta levantamento divulgado ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). O estudo toma como base de comparação os últimos mandatos de prefeitos. Em 1999 e em 2004, por exemplo, Belo Horizonte estava em terceiro lugar no ranking relativo à frequência escolar da população entre 7 e 14 anos, com registro de, respectivamente, 97,76% e 98,69% dessa camada de moradores da cidade dentro das escolas. Em 2008, a capital pulou para o segundo lugar, mesmo com o percentual reduzindo para 98,64%. Nessa faixa etária, a campeã no ranking é Campo Grande, com 98,92%. A última colocada é Maceió, com 95,93%. A cidade, no entanto, também vem registrando crescimento no índice, que era de 90,82% em 1999 e 92,16% em 2004.

Na frequência entre 0 a 6 anos, nenhuma das capitais brasileiras registrou queda na comparação entre 1999 e 2008. A tabela é liderada por Vitória, com 70,34% da população com essa faixa etária frequentando creches e escolas. Na última

POSIÇÃO DE BH	
(comparação entre 2001 a 2004 e 2005 a 2008)	
<b>Frequência escolar de 7 a 14 anos</b> 3º para 2º	<b>Anos de estudo da população com 25 anos ou mais</b> 7º para 8º
<b>Frequência escolar até 6 anos</b> 6º para 7º	<b>Evolução da miséria (pelo formato da pesquisa, as cidades à frente do quadro têm maior nível de miséria)</b> 20º em ambas as períodos
<b>Frequência escolar de 15 a 17 anos</b> 3º em ambos os períodos	<b>Renda domiciliar per capita</b> 8º para 7º
<b>Frequência escolar de 4 a 17 anos</b> 7º em ambos os períodos	

posição está Porto Velho, com 30,53%. A camada dos moradores das capitais com idade entre 15 e 17 anos também registrou aumento de presença nas escolas entre 1999 e 2008. No entanto, na comparação entre 2004 e 2008, o índice caiu em cidades como Vitória, de 94,90 para 88,91 – a maior redução registrada no levantamento – Florianópolis, de 91,17% para 90,68%, e Belo Horizonte, de 90,84 para 90,28%.

O economista chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Neri, responsável pela pesquisa,

atribui os resultados na área da educação, que considerou positivos, a investimentos feitos pelo setor público. “A cobertura escolar aumentou muito na década de 90 e continua crescendo muito”, destaca Neri.

O estudo mostrou ainda que a população de 26 das 27 capitais teve aumento na renda per capita familiar entre 1999 e 2008. São Paulo, cidade mais rica do país, foi a única que registrou recuo, de R\$ 952,82 para R\$ 891,58. No topo da tabela está Florianópolis, com ren-

da per capita familiar de R\$ 1.161,18, seguida por Porto Alegre, com R\$ 1.153,89. Belo Horizonte está em 7º, com R\$ 941,60.

**PERÍODO DE OURO** Mais renda, menos miséria. Conforme o estudo, entre 1999 e 2008, 22 das 27 capitais tiveram reduzido o total da população que vive com menos de US\$ 1 por dia. Em Curitiba (PR), apenas 1,40% dos moradores da cidade têm esse valor para gastar a cada 24 horas. As cidades em que houve aumento do percentual dos moradores que vivem com US\$ 1 foram Rio de Janeiro, Boa Vista, Brasília, Porto Alegre e Rio Branco. O resultado também foi considerado positivo pelo economista responsável pela pesquisa. “Estamos falando de um período de ouro, em que, em todo o país, 19,3 milhões de pessoas saíram da pobreza e 32 milhões de brasileiros entraram para as classes A, B e C. Para Neri, investimentos para geração de empregos e programas públicos de distribuição de renda são os principais responsáveis pelos resultados apresentados pela pesquisa no que se refere a aumento do poder de compra da população. “Tem mais gente recebendo peixe e muita gente que aprendeu a pescar”, diz.